



QUANDO O ENSINO DE ESCRITA (NÃO) É RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR

Autoria: Mariana da Silva Marinho - - -

Resumo: Neste trabalho, propomo-nos a pensar a relação professor-saber-aluno, a partir da problematização do que chamamos e entendemos como (im)postura professoral de uma professora em sala de aula, com relação ao ensino de escrita em Língua Portuguesa. Esse entendimento foi possível a partir do acompanhamento e da observação de aulas em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Partimos da diferenciação estabelecida por Benveniste (2014) entre língua escrita e escrita, sendo a língua escrita compreendida como a língua sob sua forma escrita e a escrita enquanto um ato enunciativo que demanda do locutor-scriptor a apropriação da língua escrita e seu manejo, de forma que seja possível (entre)ver um traço de subjetividade em seu escrito e de forma que ele consiga enunciar, pela escrita, de sua posição e produzir sentidos. Ao voltarmos nosso olhar para os modos de ocorrência do ensino de escrita em Língua Portuguesa em e para essa turma de alunos do 5º ano, entendíamos que, nessa etapa da escolarização, a relação desses alunos com a escrita ainda estivesse fragilizada, inclusive por aspectos relativos próprio processo de escolarização. Para os alunos em questão, essa aprendizagem demandaria do professor um plano de intervenção contínua, o que não pareceu ocorrer na turma observada. Pelo olhar que lançamos aos materiais coletados durante a pesquisa, pudemos problematizar como as ações pedagógicas da professora, bem como a sua (des)responsabilização com o ensino de escrita em Língua Portuguesa afetam a relação professor-saber-aluno, de modo que, em função da relação fragilizada que a própria professora mantém com o ensino da escrita e com sua própria escrita, ela não consegue acirrar a relação dos alunos com esse saber, de modo a promover mudanças significativas em seus mo(vi)mentos de escrita.